

# Ambiente Econômico

## O perfil empresarial brasileiro

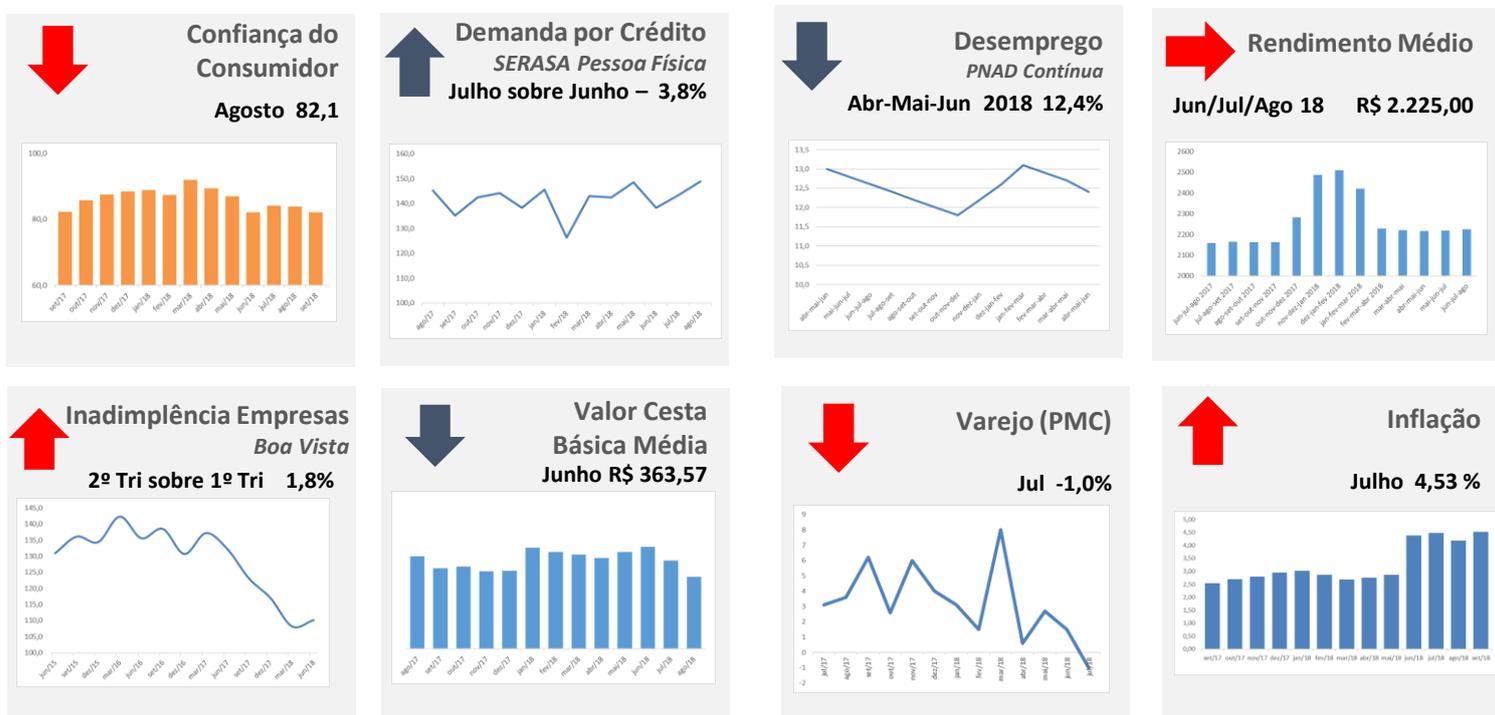
O IBGE divulgou no começo de Outubro o estudo denominado Demografia das Empresas e Empreendedorismo, com base no CEMPRE – Cadastro Central de Empresas, mantido pelo Instituto, que visa compreender a dinâmica das empresas no território nacional, segundo uma visão regional. Os dados referem-se ao ano de 2016 e dedicaremos esta edição do Snapshot Varejo a avaliar alguns pontos centrais deste estudo.

Estes números mostram o efeito da economia no número de empresas, sendo que alguns indicadores mostram a dificuldade enfrentada pelos empresários brasileiros, a saber:

- A taxa de entrada de empresas (quociente entre número de empresas novas sobre número total de empresas) caiu pelo sétimo ano consecutivo e chegou a 14,5%, o menor índice desde o início do estudo em 2008;
- Por atividade, a taxa de entrada caiu em 17 das 18 seções econômicas avaliadas, com base no CNAE;
- As maiores taxas de entrada foram de empresas no setor financeiro, seguros e atividades relacionadas;
- A menor taxa de entrada esteve na indústria de transformação;
- A taxa de saída (quociente entre saída e total), depois de cair em 2014 e 2015 voltou a subir para 16,1%;
- A taxa de saída cresceu em 12 seções, sendo as maiores em eletricidade e gás, construção e informação e comunicação e as menores em saúde humana e serviços sociais, educação e indústria de transformação.
- O saldo total de empresas (entrantes menos as que saíram) foi mais uma vez negativo e igual a 1,6%, significando 71 mil empresas a menos;
- O número de assalariados caiu 4,8%, o que significa que 1,6 milhão de pessoas deixaram de receber salários neste ano;
- O país tem em 2016, 4,5 milhões de empresas ativas;
- A taxa de sobrevivência (número de empresas de 2015 que continuaram ativas em 2016) foi de 85,5%, o maior valor da série, representando 3,8 milhões de empresas.

São números que por um lado indicam os setores mais atingidos da economia nacional, mas também indicam as maiores oportunidades quando cruzados com as reais necessidades brasileiras, caso o país retome o crescimento no curto espaço de tempo. Por outro lado ajudam a compor a agenda de ações que o futuro Presidente do país terá que construir, caso pretenda e tenha condições de, efetivamente, recolocar o país na rota do crescimento sustentado, especialmente no que diz respeito à geração de oportunidades de emprego e de renda.

## Dashboard



# Destaque do Mês

## As empresas de alto crescimento. Quem são e como se comportam em meio à crise?

A estudo Demografia das Empresas e Empreendedorismo dedica uma parte ao estudo das chamadas empresas de alto crescimento (EAC), que são aquelas que aumentam o número de empregados pelo menos em 20% ao ano, em média, por três anos consecutivos e tenham, pelo menos 10 profissionais assalariados no primeiro ano. Estas empresas tiveram alguns desempenhos que apontamos abaixo:

- Em 2008 foram identificadas 30.954 empresas de alto crescimento, que evoluíram anualmente até atingir 35.206 em 2012 e despencaram para 20.998 em 2016;
- Pagam hoje, em salário, o mesmo que pagavam em 2008. Já foram 16% dos salários do total das empresas em 2008 e em 2016 caíram para apenas 7,7%;
- Nas EAC's em 2009, 69% dos assalariados eram homens e em 2016, este valor passou para 60,8%, indicando a participação feminina crescente neste perfil de empresa;
- Da mesma forma em 2009, 9,6% das pessoas destas EAC's possuíam ensino superior, sendo que em 2016 este índice passou para 13,2%. Vale notar que, se considerarmos as empresas de maior porte, ou seja, com mais de 10 assalariados mas não de alto crescimento, este índice passou de 10,2% em 2009 para 15,3% em 2016, indicando que a absorção de pessoas com maior formação tem se acentuado ao longo dos últimos anos, mesmo com a crise. Uma vez mais pensando em retomada de crescimento, caso ocorra, é de se esperar que boa parte do mercado não absorva uma parcela despreparada do contingente de desempregados, o que reforça que, mesmo com a criação de novos postos de trabalho, o patamar de desocupação no Brasil deve subir em relação ao que era há alguns anos.
- As empresas de alto crescimento estão, principalmente nas seguintes seções do CNAE: 1) Atividades Administrativas, Informação e Comunicação; 2) Atividades Financeiras; 3) Transportes/Armazenagem/Correios e 4) Construção.

As empresas de alto crescimento devem ser acompanhadas para que delas se possa extrair os parâmetros a serem objetivados e atingidos pelas empresas de maior porte, bem como as empresas em geral, especialmente quando se pensa em educação e empregabilidade.

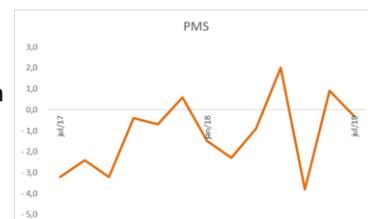
## Indústria

Indústria cresceu 2,0% em comparação com Agosto de 2017. Em relação a Julho de 2018 recuou 0,3%.



## Serviços

O setor de Serviços volta a oscilar. Em Julho de 2018 em relação a Junho de 2017 apresentou queda de 0,3 %.



# As principais conclusões do Estudo

- Assim como nos 3 anos anteriores, o saldo de empresas em 2016 foi negativo apontando para o desaparecimento de quase 71 mil empresas. Isto pode apontar que parte destas empresas não conseguiram enfrentar as dificuldades econômicas, porém parte fechou por absoluta falta de competitividade ou de eficiência para continuar operando.
- Por outro lado, mostrou que não apenas as empresas de maior porte (acima de 10 assalariados) de alto crescimento, como também as empresas em geral, demandaram mais pessoas portadoras de curso superior, apontando para futura dificuldade na absorção de pessoas menos preparadas e reforçando a importância da educação na consolidação do ambiente empresarial e empreendedor brasileiro.
- A região sudeste segue sendo aquela onde se concentra o maior número de empresas, bem como de postos de trabalho com 50,1% das empresas ativas enquanto o Norte abriga apenas 3,6% destas, o Centro-Oeste 8,2% e o Nordeste 15,5%.
- Sempre reafirmamos a importância do cuidado e atenção com as empresas de pequeno porte. O estudo mostra que do total de empresas em 2016, 34,6% não possuíam nenhum empregado e 43,5% possuíam entre 1 e 10 empregados, totalizando 78,1% de empreendedores individuais ou de empresas de pequeno porte. Por outro lado as empresas com mais de 50 funcionários somam apenas 1,6% do total.
- Do total de 661 mil empresas nascidas em 2011, 75,2% sobreviveram até 2012, 45,4% até 2015 e apenas 38,0% até 2016, reforçando o momento difícil e a dificuldade de se prosperar negócios no Brasil face às inconstâncias políticas, econômicas e sociais.
- O Comércio foi a atividade que apresentou tanto os maiores ganhos como as maiores perdas em pessoal ocupado assalariado provenientes dos movimentos de entrada e saída de empresas em 2016. A atividade revelou, contudo, ganho absoluto no pessoal ocupado assalariado, com um saldo positivo de 81,1 mil pessoas.
- Na comparação com 2015, o total de pessoal assalariado caiu 4,8%, com 1,6 milhão de pessoas a menos. Esta foi a segunda queda seguida no pessoal assalariado, o que implica na ampliação de domicílios com renda decrescente.